

A evolução dos sistemas agrários no distrito de Faxinal Preto, São José dos Ausentes/RS

The evolution of agrarian systems in the Faxinal Preto district, São José dos Ausentes/RS

Mário Alex Duarte de Candido

Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PGDR/UFRGS). Porto Alegre, RS, Brasil.

Daniela Garcez Wives

PGDR/UFRGS. Porto Alegre, RS, Brasil.

Phillipp Dias Gripp

Programa de Pós-Graduação em Dinâmicas Regionais e Desenvolvimento (PGDREDES/UFRGS). Tramandaí, RS, Brasil.

Marlise Amalia Reinehr Dal Forno

PGDREDES/UFRGS. Tramandaí, RS, Brasil.

Carlise Porto Schneider Rudnicki

Departamento Interdisciplinar da UFRGS - Campus Litoral Norte. Tramandaí, RS, Brasil.

GT7. Desenvolvimento rural, territorial e regional

Resumo: O artigo objetiva compreender a evolução histórica e a dinâmica dos Sistemas Agrários na região dos Campos de Cima da Serra, com ênfase no distrito de Faxinal Preto, no município de São José dos Ausentes (RS). A metodologia consiste em pesquisa qualitativa, exploratória e descritiva, estruturada como um estudo de caso. Para a coleta de dados, utilizou-se revisão bibliográfica, observação da paisagem e entrevistas narrativas com moradores, resgatando a historiografia oral da comunidade. Os resultados demonstram a sucessão de cinco fases: 1) o Sistema Agrário Indígena, pautado na caça e coleta; 2) o Sistema Sesmeiro/Tropeiro, marcado pelas grandes propriedades, criação de gado solto e a forte integração das rotas comerciais; 3) o Sistema Colonial, que introduziu roças de subsistência e desencadeou intensa exploração madeireira (ciclo da araucária); e os 4) Sistemas Contemporâneo e 5) Contemporâneo Atual, caracterizados pelo auge e declínio das serrarias, êxodo rural e posterior reconfiguração da paisagem por meio da mecanização, da silvicultura de espécies exóticas e da consolidação de cadeias produtivas comerciais (batata-inglesa, maçã e brócolis), além da manutenção da pecuária. Entende-se que o espaço rural de Faxinal Preto é fruto de um processo contínuo de adaptações. Cada sistema agrário modificou a paisagem e as relações socioeconômicas de forma indissociável, atestando a importância do resgate da memória coletiva para a compreensão das atuais dinâmicas de desenvolvimento rural, além de fornecer subsídios para valorizar a identidade regional.

Palavras-chave: Sistemas agrários. Desenvolvimento regional. Campos de Cima da Serra. Faxinal Preto.

Abstract: This article aims to understand the historical evolution and dynamics of Agrarian Systems in the Campos de Cima da Serra region, focusing on the district of Faxinal Preto, in the municipality of São José dos Ausentes (RS). The methodology consists of qualitative, exploratory, and descriptive research, structured as a case study. Data collection involved a literature review, landscape observation, and narrative interviews with residents, recovering the community's oral historiography. The results demonstrate the succession of five phases: 1) the Indigenous Agrarian System, based on hunting and gathering; 2) the Sesmeiro/Tropeiro System, marked by large properties, free-range cattle rearing, and the strong integration of commercial routes; 3) the Colonial System, which introduced subsistence farming and triggered intense timber exploitation (Araucaria cycle); and 4) the Contemporary and 5) Current Contemporary Systems, characterized by the rise and decline of sawmills, rural exodus, and the subsequent reconfiguration of the landscape through mechanization, exotic species forestry, and the consolidation of commercial production chains (potatoes, apples, and broccoli), in addition to the maintenance of cattle breeding. It is understood that the rural space of Faxinal Preto is the result of a continuous process of adaptations. Each agrarian system modified the landscape and socioeconomic relations inseparably, attesting to the importance of recovering collective memory to understand current rural development dynamics, as well as providing insights to value the regional identity.

Keywords: Agrarian systems. Regional development. Campos de Cima da Serra. Faxinal Preto.

1. Introdução

O estudo dos Sistemas Agrários no distrito de Faxinal Preto, situado no município de São José dos Ausentes/RS, oferece uma rica oportunidade para explorar a complexa interação entre história, economia e sociedade. Faxinal Preto destaca-se por sua localização em uma das áreas mais elevadas do estado, caracterizada por uma paisagem única de florestas de araucárias e campos nativos (SOMMER, 2013). A geografia da região, composta por declives acentuados, rios sinuosos, cachoeiras majestosas, altitudes elevadas e os imponentes paredões da Serra Geral, foi moldada tanto por forças naturais quanto pela intervenção humana e encontram-se em constante transformação, alinhado às argumentações de Castrogiovanni *et al.* (2023).

A ação humana transformou a paisagem dos Campos de Cima da Serra (CCS), primeiro habitada por povos indígenas que mantinham uma relação de subsistência harmoniosa com o meio (FONTOURA; VERDUM, 2010; PELUSO, 2013). A região ganhou nova percepção econômica com a colonização iniciada por jesuítas, que introduziram o gado chimarrão criado a campo (PESAVENTO, 2014), impulsionando o desenvolvimento das estâncias e a formação de rotas comerciais dos tropeiros, que transportavam animais e mercadorias, promovendo intercâmbio cultural e o surgimento de vilas (PUSSININI, 2016; JASKULSKI, 2024). Para sustentar o crescimento econômico nas fazendas, a mão de obra escrava foi fator determinante, embora tenha gerado profundas desigualdades sociais e conflitos (OLIVEIRA, 2021).

A questão agrária revelou contrastes na organização territorial: enquanto a elite adotou a categoria de agregados em áreas distantes das fazendas para evitar a apropriação indevida de terras (ANDREATTA *et al.*, 2009), formaram-se, em contraponto, sistemas faxinais, a exemplo do distrito de Faxinal Preto. Essas comunidades caracterizaram-se por atividades coletivas, onde a solidariedade formava o vínculo social (CHANG, 1988). No sistema de faxinal, as produções agrícolas eram voltadas ao abastecimento familiar e a comercialização de pequenos excedentes, destacando-se o plantio de milho, feijão, batata e cebola, aliado à produção animal e à coleta complementar de erva-mate nos períodos de entressafr (CHANG, 1988).

Notadamente, como sustentam Castrogiovanni *et al.* (2023), além das forças naturais, todas essas intervenções humanas contribuíram às transformações na geografia e no desenvolvimento do distrito de Faxinal Preto. Uma dimensão importante de qualquer sistema agrário refere-se aos diferentes grupos sociais que compõem sua dinâmica, havendo uma relação intrínseca do território com os processos de colonização, onde as contribuições dos povos se acumulam ao longo do tempo, deixando legados e práticas perceptíveis.

Diante desse contexto, nos estudos que buscam adotar uma perspectiva sistêmica na abordagem agrária, importa delimitar e definir um recorte específico, uma paisagem particular (MAZOYER; ROUDART, 2010). A partir disso se torna possível conhecer cronologicamente e definir as categorias e grupos que ocuparam o sistema agrário local, compreendendo assim suas dinâmicas. Vale constar que, segundo Gret (1984), a abordagem multidisciplinar permite compreender os elementos que compõem uma realidade rural e organizá-los em torno de hipóteses comuns sobre seu funcionamento no tempo e no espaço.

Nesse sentido, buscamos aliar a revisão bibliográfica à historiografia oral. A revisão bibliográfica fundamentou a pesquisa, resguardar informações históricas com um arcabouço documental necessário sobre o tema. As recordações dos faxinalenses, popularmente chamados de serranos, oferecem uma visão culturalmente rica e atraente dos Sistemas Agrários nos CCS. A historiografia oral ajudou a reconstituir, através da memória coletiva, os eventos e transformações que marcaram a região (MUYLAERT *et al.*, 2014).

Através da análise de memórias e práticas culturais, é possível compreender desafios e oportunidades enfrentados pela comunidade, promovendo um diálogo entre passado e presente que enriquece a compreensão do desenvolvimento regional. Desse modo, este artigo busca compreender como se deu a dinâmica dos sistemas agrários no Faxinal Preto para reconstruir o espaço-temporal do seu sistema agrário e entender como a agricultura e suas relações se organizaram até alcançar a forma contemporânea. Objetivamos, então, apreender a evolução dos Sistemas Agrários nos CCS, com ênfase no distrito de Faxinal Preto.

Para tanto, a seguir, primeiro apresentamos as bases da abordagem sistêmica e da teoria dos sistemas agrários, depois indicamos a metodologia qualitativa e exploratória aplicada, detalhando os procedimentos de coleta e análise de dados. Então, adiante, descreveremos os resultados que reconstituem a evolução cronológica dos sistemas agrários e as transformações na paisagem local, abordando a dinâmica territorial e social do distrito de Faxinal Preto.

2. Revisão da Literatura

A perspectiva cartesiana, impulsionada desde o século XVII por René Descartes, aciona análises que sustentam uma visão mecanicista, linear e racionalista do ser humano e da natureza, o que se torna impreciso diante de contextos diversos, complexos e plurais. Em contraponto, Wives (2008) aponta que o estudo de realidades complexas exige abordagens teórico-metodológicas que não isolem as especialidades, mas que compreendam o fenômeno como um todo organizado e interdependente. Como alternativa, a Teoria de Sistemas (ou Teoria

Sistêmica), proposta por Bertalanffy (2010), viabiliza a sua aplicação a sistemas em geral (sejam de natureza física, biológica ou sociológica), tratando das relações entre o todo e suas partes a partir dos conceitos gerais de organização, totalidade, direção e diferenciação.

Morin (1977) sustenta que o universo não deve ser concebido como uma unidade fragmentável, mas como uma rede complexa onde o mundo se estrutura como uma constelação de sistemas dispersos. A partir dessa ótica, Morin (1997) enfatiza a organização e o sistema como dimensões interdependentes, constituindo-se em um conjunto de elementos em dinâmica mútua, flexível e orientado a finalidades específicas dentro do espaço. Essa abordagem multidisciplinar e interdisciplinar consegue conduzir a pesquisa nas Ciências Agrárias ao compreender que a agricultura e o sistema rural não operam de forma isolada. Pelo contrário, como explica Wives (2008), eles atuam como um organismo em constante adaptação, no qual o ser humano integra um sistema social inserido em um ecossistema natural mais amplo, gerando reflexos internos e externos com resultados significativos.

Para a compreensão dessas múltiplas interações, destaca-se o que dita Morin (1977, p. 122): “o todo é superior ao todo, o todo é inferior ao todo”. Esta frase sintetiza, conforme Miguel (2018, p. 15), um importante preceito da abordagem sistêmica: em decorrência de fluxos e interações internas, o comportamento de um objeto pode ser diferente da soma dos comportamentos dos elementos que o compõem. Conforme Morin (1977), entende-se que essa abordagem tem importância e aplicação em diversos níveis, desde uma célula até um animal, uma sociedade localizada em uma unidade rural ou uma cidade. Walliser (1977), por sua vez, afirma que a abordagem sistêmica busca restaurar uma visão mais sintética, que reconheça as propriedades de interação dinâmica entre os elementos de um conjunto ou objeto.

As funções das propriedades possuem elementos interligados com sistemas que reconhecem e valorizam as funções processadas em suas dinâmicas. Essa interação constante demonstra que o sistema rural, por exemplo, não opera de maneira fechada ou isolada, mas caracteriza-se por uma combinação coerente de recursos naturais e sociais no tempo e no espaço, organizados de forma dinâmica para atingir os objetivos da família rural (WIVES, 2008). Para compreender as condições que contribuíram para o surgimento das atividades agrícolas em uma região, então, torna-se necessário conhecer os elementos que compõem essas realidades como um todo, com base na Teoria Sistêmica.

Cabe ressaltar que Mazoyer e Roudart (2018) apresentam uma definição de sistema agrário atual, abrangente e consistente no campo das ciências agrárias. Para os autores, como também explicita Miguel (2018), um sistema agrário corresponde a uma forma consolidada e

duradoura de utilização do meio, constituindo um conjunto de forças produtivas ajustadas às condições bioclimáticas de um território e que responde às exigências sociais de um período.

Wives (2008) destaca que a teoria permite compreender a complexidade envolvida no entendimento de realidades que são, na verdade, sistemas de objetos abstratos cuidadosamente elaborados para constituir um verdadeiro objeto concebido. Paisagem e ação humana formam um conjunto complexo que inclui forças de trabalho, práticas de manejo, bens produzidos e a organização do sistema produtivo. Ao se interligarem, esses elementos garantem a funcionalidade do sistema agrário, formando uma totalidade interdependente que é muito superior à simples soma de suas partes (SILVA; GODOI; BANDEIRA-DE-MELLO, 2006).

A concepção teórica de observar detalhadamente os aspectos interligados das partes permite compreensão completa da agricultura e das ciências agrárias, o que inclui componentes como relações sociais, históricas, econômicas, biológicas e culturais, contribuindo para uma análise do funcionamento do sistema. Oliveira (2000) define um sistema como um conjunto de componentes que se relacionam e são organizados no contexto em que a complexidade e a interação entre as partes e o meio ambiente são fundamentais. O enfoque sistêmico tem sido aplicado na agricultura em resposta às críticas e falhas de projetos reducionistas e disciplinares de desenvolvimento rural voltados para pequenos agricultores familiares (OLIVEIRA, 2000). Essa visão multidisciplinar permite a resolução de problemas complexos, como aponta Gret (1984), sendo que a abordagem sistêmica oferece soluções a uma amplitude de problemas.

3. Metodologia

Tendo em vista o objetivo de compreender a evolução dos Sistemas Agrários nos CCS, com ênfase no distrito de Faxinal Preto, este artigo configura-se como um estudo de caso de natureza qualitativa, exploratória e descritiva. Conforme Goldenberg (1997), essa modalidade transcende a representatividade numérica para viabilizar a investigação aprofundada de fenômenos, ações, valores e relações humanas. A adoção deste viés fundamenta-se na descrição, no registro e na interpretação dos dados empíricos (MARCONI; LAKATOS, 2010), justificando-se pela premissa de que o entendimento de uma dada realidade social demanda a percepção pormenorizada dos significados e das especificidades situacionais que a compõem (SILVA; GODOI; BANDEIRA-DE-MELLO, 2006).

O percurso partiu de revisão bibliográfica nas bases Scielo e Portal de Periódicos da CAPES sobre sistemas agrários e história regional, subsidiando a reconstituição histórica do Faxinal Preto. Os dados primários foram obtidos pela aplicação de questionários (com questões

abertas e fechadas) e entrevistas estruturadas com agentes-chave da localidade. Assegurou-se aos participantes a oportunidade de externarem respostas com naturalidade a partir de seus lugares de fala e a pesquisa assumiu um lugar de escuta sem interferências (GRIPP, 2025). As coletas presenciais ocorreram nos dias 25 e 26 de setembro de 2024 e dias 12, 13 e 14 novembro de 2025, com gravações em áudio posteriormente transcritas integralmente, com consentimento prévio. A participação foi voluntária e gratuita, com assinatura de Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, sendo assegurado o anonimato.

Segundo Mulyaert *et al.* (2014), tais entrevistas encorajam o informante a socializar experiências marcantes atreladas à sua trajetória e contexto social, garantindo a preservação da originalidade de suas recordações. Elas foram capazes de dar voz a atores historicamente silenciados, atestando a premência da escuta (GRIPP, 2025), permitindo compreender interações sociais, lutas, resistências, identidades e memórias dos envolvidos nos sistemas agrários, o que contribuiu para a reconstituição dos sistemas agrários, a partir de relatos de antigos moradores, tropeiros, professores, pesquisadores, historiadores, sociólogos, jornalistas e políticos que conheciam a história local. Incorporou-se instrumentais da Antropologia Visual (DAL SOGLIO; KUBO, 2016) como croquis, arranjos esquemáticos, fotografias e registros audiovisuais. A sistemática de observação foi também instrumentalizada por caderno de campo, que serviu ao registro de particularidades e transformações da paisagem local investigada.

No que tange ao tratamento dos dados, optou-se pela aplicação da técnica de Análise de Conteúdo às entrevistas transcritas para compreender as narrativas dos entrevistados (SILVA; FOSSÁ, 2015). Este método é amplamente empregado na sistematização de dados qualitativos, profícuo nas ciências humanas e sociais (MINAYO, 2000). Os dados empíricos foram categorizados e submetidos à análise em paralelo à revisão de bibliográfica, tencionando aferir os avanços epistêmicos na área e consolidar a reconstituição espaço-temporal proposta.

4. Análise e Discussão dos Resultados

Nesta seção, apresentamos e discutimos os resultados da pesquisa, adotando a abordagem sistêmica para reconstituir os primeiros sistemas agrários e suas categorias sociais no Faxinal Preto, o que permite uma leitura integrada para a compreensão da agricultura em sua totalidade (GERHARDT; SILVEIRA, 2009). Para entender a ocupação desses espaços e as contínuas modificações históricas da paisagem, o trabalho de campo e a observação apoiada por recursos tecnológicos, como imagens aéreas e de satélite, mostraram-se essenciais ao revelar, por exemplo, a transição da tração animal para a mecânica. Desse modo, evidencia-se

como o ser humano construiu diferentes Sistemas Agrários (indígena, sesmeiro, tropeiro, colonial e contemporâneo) cujas transformações tecnológicas não apenas aumentaram a produtividade, mas também modificaram a paisagem, estabeleceram novas relações de trabalho e influenciaram a organização comunitária local (MAZOYER; ROUDART, 2010).

4.1 Sistema Agrário Indígena (até 1700 aproximadamente)

A arqueologia revela que sociedades de caçadores-coletores habitavam o sul do Brasil por volta de 12.000 anos antes do presente, muito antes da chegada dos colonizadores europeus (MAESTRI, 2021; DI SOPRA, 2022). Esses grupos viviam entre São José dos Ausentes e os municípios de Lages, Bom Jardim da Serra, Nova Veneza e Siderópolis, onde desenvolveram tecnologias e armas para proteção e sobrevivência. Deslocando-se conforme as estações do ano, sustentavam-se com atividades de caça, pesca e coleta de pinhões (AMBROSINI; MIGUEL; FILIPPI, 2012). Dentre essas sociedades, os indígenas Kaingang percorriam o noroeste, norte e nordeste do Rio Grande do Sul, com limites extremos no Rio Piratini e Rio Pelotas, descendo até os municípios litorâneos de Torres.

Segundo Souza, Lino e Araújo (2021), o avanço da fronteira agropastoril nos CCS gerou tensões e conflitos, pois era um território tradicional Kaingang. A necessidade de expandir a fronteira para plantar milho e feijão e criar animais intensificou os conflitos. Essas tensões provocaram deslocamentos e redução dos indígenas, agravadas por doenças como o sarampo e pressões de moradores não-indígenas que os viam como “vadios”. A entrada dos Xokleng, motivada pela ambição pelo pinhão, provocava combates ferozes com os Kaingang, registrados até o século XIX (INSTITUTO ANCHIETANO DE PESQUISAS, 2002).

No Planalto Meridional e na Serra, viviam comunidades jês de caçadores, coletores e horticultores incipientes, que exploravam ativamente a caça e a coleta do pinhão (MAESTRI, 2021). Os primitivos habitantes da região eram guainá, coroados, kaingáng ou botocudo (grande grupo gê) (RIBEIRO, 2014). Sítios arqueológicos revelaram sete casas subterrâneas próximas a vertentes, banhados, lagoas ou sangas, além de fragmentos de cerâmica (Tradição Taquara), vasilhames da Tradição Tupiguarani e artefatos em basalto e madeira nos municípios de Bom Jesus e São José dos Ausentes/RS. As moradias serviam de abrigo contra intempéries como chuvas, ventos, frio e calor. A reconstituição dessas habitações e atividades, como coleta e caça, deve-se a estudos no sítio RS-AN-03, em Bom Jesus, RS.

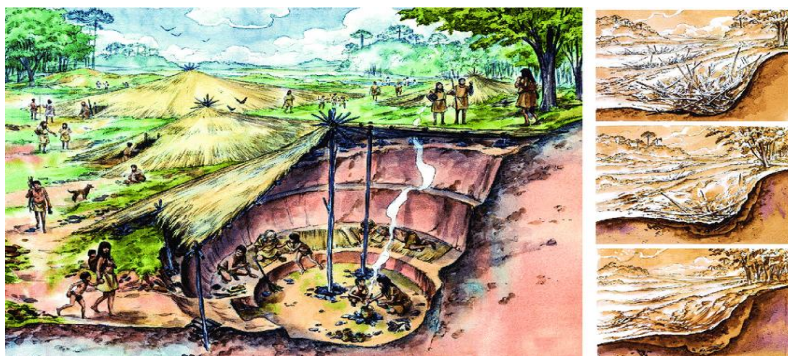


Figura 1 - Moradias indígenas
Fonte: Koehler (2024).

A imagem acima mostra casas em abandono, o que, segundo a reconstituição de Koehler (2024), ocorria quando os habitantes se mudavam para outros locais em busca de coleta, caça ou por outras razões. Os Xokleng habitavam a região serrana e os CCS, enquanto os Mbyá Guarani estavam em áreas de Mata Atlântica, próximas a pequenos cursos fluviais em todo o estado (DI SOPRA, 2022). Segundo Miguel (2018), os meios de produção eram essencialmente manuais e destinados ao autoconsumo. Os povos indígenas, por meio de relações comunitárias de produção, desenvolveram culturas voltadas para o autoconsumo.

A introdução do gado xucro (chimarrão) nos CCS marcou a transição para o Sistema Agrário *Vacaria Del Mar*, alterando profundamente as características do território (RIBEIRO, 2014). Embora a colonização não-indígena não tenha extinguido a exploração nômade de imediato (AMBROSINI; MIGUEL; FILIPPI, 2012), as populações indígenas foram drasticamente impactadas pelo apresamento bandeirante e pelos conflitos territoriais. Conforme Minuzzo (2010), os portugueses enfrentaram justificada hostilidade, pois sua expansão interferia diretamente nas matas, nascentes e recursos alimentares das áreas originais.

Essas considerações indicam que houve conflitos entre os moradores dos Campos da Vacaria e de Cima da Serra e os guarani-missioneiros (MINUZZO, 2010). Muitos conflitos resultaram da ocupação humana, levando à supressão do sistema agrário indígena e à colonização de áreas inacessíveis, além da expansão agrária e comercial no sul do Brasil.

4.2 Sistema Agrário Sesmeiro/Tropeiro (1760-1860)

O Sistema Agrário Sesmeiro foi estabelecido para resolver o acesso à terra e seu cultivo (RIBEIRO, 2014). As iniciativas de colonizar o sul do Brasil partiram da distribuição de lotes de terras, chamadas sesmarias, originadas na Europa, sendo as primeiras organizações de ocupação agrária oficial, distribuídas no Brasil Colônia pelo governo. No século XVIII, a coroa portuguesa adotou a estratégia de garantir a posse e defesa das terras no extremo sul do Brasil

por meio da instalação de acampamentos militares, construção de fortes e presídios, e distribuição de sesmarias a pessoas de prestígio e militares (IBGE, 2024).

Uma sesmaria deveria ter três léguas (cada légua correspondendo a 6.600 metros). No entanto, esse limite nem sempre era respeitado e algumas sesmarias chegavam a mais de vinte léguas. A fazenda Santo Antônio dos Ausentes, por exemplo, era reconhecida como área de três sesmarias, mas na medição e redemarcação, feita em 1887 pelo agrimensor Felício dos Santos, a área superficial encontrada foi de 1.296.336.900 m², aproximando-se de dez sesmarias (OLIVEIRA, 1996, p. 150). O sistema de doações de sesmarias foi encerrado com a suspensão das concessões de terras em 1822 (NOZOE, 2006).

As sesmarias adotaram reservas de gado xucro, conhecidas como Vacarias (ou *baquería* em espanhol), que denominava essas grandes extensões de pasto para gado solto – com limites imprecisos, o gado se reproduzia nas pastagens naturais sem intervenção humana. Assim formou-se a *Vacaria Del Mar*, onde, após o abate, o couro era exportado para a Europa via Buenos Aires ou Sacramento e a carne utilizada para subsistência (PESAVENTO, 2014).

A ocupação dos CCS, onde mais tarde se formou a cidade de Vacaria, começou no fim do século XVII, com a demarcação e criação da *Baquería de Los Pinares* pelos jesuítas e guaranis das Missões da Banda Ocidental e Oriental do rio Uruguai (VACARIA, 2020). Os jesuítas estabeleceram a Vacaria dos Pinhais, trazendo rebanhos de bovinos e outros animais, como muares e equinos, por volta de 1727, para as pastagens propícias à criação (AMBROSINI; MIGUEL; FILIPPI, 2012; IBGE, 2024). O gado xucro tornou-se uma das principais atividades econômicas, com indígenas e homens livres executando essa atividade, visando especialmente a exploração do couro (MIGUEL, 2018).

A vila de Vacaria, em sua extensão territorial, alcançou as terras de Bom Jesus e São José dos Ausentes, que posteriormente se tornaram municípios. A vila servia de passagem para tropeiros, facilitando a vinda de povoadores. Em 1727 e 1729, foi aberta a rota Caminho das Tropas, uma rota comercial de animais, frequentemente acessada pelos CCS, Lages, Curitiba e São Paulo (MEMÓRIA DO TRANSPORTE, 2024).

Com rotas de passagem e a busca por couro, tropeiros como Cristóvão Pereira iniciaram o tropeirismo no Sul, uma atividade econômica baseada na condução de mulas, cavalos e bovinos ao centro do país. A emancipação de Vacaria ocorreu em 1850 (VACARIA, 2024), com a ocupação dos CCS. O governo português instalou um posto de cobrança de impostos no Rio Pelotas, conhecido como Passo de Santa Vitória, para fiscalizar as tropas que passavam.

A concentração de terras em sesmarias deu origem às estâncias, criatórios de gado, e nos CCS, essas propriedades eram chamadas de fazendas. A agricultura nas fazendas era praticada apenas para subsistência, aproveitando as proximidades dos rios das Antas e Pelotas. O leito dos rios, rico em matéria orgânica, facilitava o crescimento de muitas culturas, mas na época, a técnica de derrubada-queimada era empregada para preparar as roças.

Com a criação de gado em fazendas e estâncias, surgiu a necessidade de mão de obra especializada para conduzir os animais, levando ao surgimento dos tropeiros. Eles eram responsáveis pela comercialização de muitos produtos alimentares. Segundo Junior Santos (2011), o tropeirismo regional abrangia rotas comerciais menores. Produtos como pinhão, charque e queijo eram transportados em mulas e cavalos, com égua mansa guiando a tropa ao som de cencerros, que indicavam o trajeto por trilhas e picadas em meio aos paredões da serra, com precipícios e grandes rochedos. Ao acessarem os campos, os tropeiros carregavam em suas bruacas, malas rústicas de couro, alimentos como sal, farinha de milho e mandioca.

A construção de rotas era necessária para o deslocamento de mercadorias, especialmente animais vivos, como vacuns e muares. O acesso ao centro do país era importante para o contexto social, econômico e cultural. A rota, construída em 1731 pelo português Cristóvão Pereira de Abreu, ficou conhecida como o Caminho das Tropas, Estrada das Tropas, Estrada Viamão-Sorocaba, Estrada Real, Caminho da Serra ou Estrada do Sertão. Ela ligava o sul ao centro do país, com uma extensão de aproximadamente 1.500 km, alcançando os CCS, em Vacaria.

Os postos de fiscalização garantiam o recolhimento de impostos sobre a comercialização de animais evitavam o contrabando, monitorando as tropas que circulavam pela rota (MEMÓRIA DO TRANSPORTE, 2024). Nas viagens, faziam paradas conhecidas como invernadas, onde havia currais para o gado (JASKULSKI, 2024).

A transição para o sistema seguinte ocorreu com a demarcação de terras e o declínio do tropeirismo, que coincidiu com a construção de rodovias. Com a atividade mineradora em declínio, a demanda por produtos transportados pelos tropeiros diminuiu. As carretas e carros de bois foram substituídos por caminhões, que ofereciam maior autonomia e eficiência, percorrendo distâncias com o uso de combustíveis.

4.3 Sistema Agrário Colonial (1860-1905)

A economia nos CCS iniciou um novo ciclo: o tropeirismo rural, entre 1860 e 1940, marcado pela abertura de estradas carroçáveis pelos colonos italianos, que facilitaram a comercialização de produtos serranos com o litoral e contribuíram significativamente para o

desenvolvimento das regiões do estado (AMBROSINI; MIGUEL; FILIPPI, 2012) – produtos como queijo, couro, crina e pinhão eram trocados por sal, açúcar, farinha de mandioca, polvilho, arame, tecidos e cachaça, geralmente por meio de escambo.

O caminho traçado pelas tropas que desciam a serra em direção ao litoral é um exemplo de patrimônio e paisagem cultural (NICOLADELLI et al., 2023), visível nas construções dos CCS. O cercamento dos campos ocorreu por volta de 1875, com mais trabalho para os agregados nas estâncias (ANDREATTA et al., 2009), permitindo melhor cuidado dos rebanhos com o uso de cavalos, laços e ferramentas leves para a lavoura de subsistência. Em 1870, iniciou-se a colonização europeia na região. Os italianos se estabeleceram principalmente entre o Rio Caí e os Campos de Vacaria (AMBROSINI; MIGUEL; FILIPPI, 2012), desmatando para fazer roças e plantar alimentos diários (VACARIA, 2020). Eles limpavam áreas para plantações e cultivos, ocupando encostas para atividades agrícolas. A colonização italiana chegou a Antônio Prado e, posteriormente, se estabeleceu em Vacaria e Bom Jesus.

Nos CCS, a derrubada das araucárias (que chegavam a 1,30m de diâmetro) provocou alterações na paisagem e deu início à exploração madeireira em larga escala. Conforme Cancian (2016), após a ocupação italiana a partir de 1875, o corte era realizado quase exclusivamente com a força física de machados e serrotes. Desde então, as negociações seguiam o sistema de “meia” (divisão proporcional da madeira entre madeireiros e donos da terra), e a produção era voltada principalmente para a construção de residências e infraestrutura local.

Naquela época, as florestas de araucárias representavam um verdadeiro tesouro verde, algo que, na contemporaneidade, seria considerado quase inimaginável, com recorda um entrevistado: “[...] o Faxinal Preto era cercado por uma escura floresta de araucárias”. Conforme dados do Ministério do Meio Ambiente, entre os anos de 1930 e 1990, cerca de 100 milhões de araucárias foram derrubadas. Algumas dessas árvores podem atingir até 50 metros de altura e possuir diâmetros entre 1 e 2 metros, compondo a Floresta Ombrófila Mista e, nos Campos de Altitude da Região Sul do Brasil, formando um ecossistema próprio conhecido como Floresta com Araucária, um dos mais ameaçados do país (APREMAVI, 2024).

Segundo a historiadora Entrevistada 8, as sesmarias da região, delimitadas por escarpas e rios entre São José dos Ausentes e Esmeralda, foram povoadas por sesmeiros, seus familiares e escravos, fragmentando-se com o tempo em fazendas menores. Nesses espaços, a agricultura adaptada ao relevo era de subsistência (feijão, milho e moranga) e atrelada ao manejo do gado. O desenvolvimento local foi impulsionado pela aquisição de terras por colonos alemães de Três Forquilhas e pela chegada de famílias italianas, que introduziram ofícios especializados

(ferreiros, carpinteiros e marceneiros) em Bom Jesus. Paralelamente, os tropeiros garantiam a integração comercial, escambando excedentes locais (queijo, pinhão e charque) por trigo e ferragens de cidades como Antônio Prado.

4.4 Sistema Agrário Contemporâneo (1905 – 1960/70)

Nos CCS, a ação humana rapidamente modificou a paisagem. A floresta Ombrófila Mista, com destaque para a *Araucaria angustifolia*, teve importância socioeconômica, paisagística e ecológica na região. Os pinhais, parte da vegetação natural, eram comercializados. Conhecidos como pinheiro-brasileiro, pinheiro-do-paraná, ou araucária, e chamados de curi ou curiy em tupi-guarani (APREMAVI, 2024), os pinhos eram transformados em madeira para casas, móveis e outros produtos. Os pinhais ocupavam partes do Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná e São Paulo. O avanço industrial global contribuiu para a redução ou extinção de áreas florestais inteiras, como ocorreu na Europa e em outros países que exploravam comercialmente as matas.

A indústria madeireira passou por uma fase de falsa prosperidade, com serrarias operando dia e noite (LEÃO, 2000), realizando cortes contínuos, derrubadas e preparação de pinheiros, utilizando tração animal, geralmente por bois treinados, o que envolvia sérios riscos de acidentes. Como alternativa energética, o locomóvel, uma espécie de máquina a vapor, era empregado para cortar toras e transformá-las em madeira, movimentando serras e outras máquinas necessárias às operações industriais.

A exploração econômica das florestas de araucárias iniciou em 1940 nos CCS, atraindo pessoas para trabalhar na região, especialmente em atividades manuais de descascamento de toras. Em 1941, criou-se o Instituto Nacional do Pinho para controlar as derrubadas e organizar a extração e exportação da araucária. Somente em 1965 foi instituído o Código Florestal Brasileiro, sob o governo de Castelo Branco, delegando à União e ao Ministério da Agricultura a fiscalização em parceria com estados e municípios.

Em 1956, no auge dessa atividade no estado, o município de Bom Jesus operava 105 serrarias e laminadoras, empregando cerca de 10 mil pessoas (CANCIAN, 2016). O IBGE (1940) mostrou que a população de Bom Jesus tinha maior densidade demográfica na área rural, devido às instalações de serrarias no período em que São José dos Ausentes era um distrito de Bom Jesus. Algumas serrarias próximas ao distrito de Faxinal Preto empregavam muitas pessoas nas áreas rurais, impulsionando a economia local durante o auge da atividade

madeira. As grandes áreas de Matas de Araucárias, localizadas próximas aos rios e interiores municipais, atraíam vários trabalhadores, levando ao surgimento de vilas ao redor das serrarias.

Com o declínio da atividade madeira a partir da década de 1965 e o incentivo governamental para cultivos arbóreos exóticos, iniciou-se um novo ciclo na região dos CCS, com os primeiros cultivos de *Pinus* na década de 1970. Durante esse período, os produtores começaram a arrendar terras para o cultivo e plantio de novas culturas. A decadência das florestas de araucárias alterou o sistema agrário, causando mudanças econômicas significativas. As florestas e matas foram substituídas por expansão urbana, cultivos e exploração madeira.

Em Faxinal Preto, a agricultura baseava-se nas roças de corte e queima da vegetação arbustiva. O Entrevistado 6 ilustra essa realidade familiar: enquanto seus oito tios trabalhavam nas lavouras, o avô realizava tropeadas para a Serra Abaixo com mulas e égua madrinha, transportando mercadorias de luxo como o “açúcar branco”. Pela família numerosa, muitos migraram jovens para trabalhar. Sua mãe permaneceu no campo até casar com um roceiro e, após o acidente fatal do esposo, viu-se forçada a partir: “Enfrentou muitas dificuldades, minha mãe. Depois que meu pai faleceu, tivemos de mudar para outros lugares, para ter acesso a recursos como mercados, médicos e vizinhos. Nós éramos todos pequenos”. Assim como ocorreu com os afetados pelo declínio do setor madeireiro, essa migração forçada em busca de melhores condições de vida marcou a trajetória de muitas famílias locais.

A baixa densidade demográfica resultante do declínio da atividade madeira impactou a economia local, que dependia da madeira, comércio e serviços. A falta de matéria-prima e o corte das florestas de araucárias causaram a extinção de grandes áreas florestais. Algumas áreas remanescentes são agora de preservação ambiental, habitat de animais que comem pinhão.

4.5 Sistema Agrário Contemporâneo Atual (1960/70 ao Contemporâneo)

Com o declínio das florestas nativas e a redução das serrarias, iniciou-se os plantios e reflorestamentos comerciais com espécies exóticas, como Acácia Negra, Eucalipto e *Pinus elliottii*. Segundo a AGEFLOR (2024), a empresa Reflorestadores Unidos S.A., de Cambará do Sul, foi pioneira na introdução do *Pinus taeda* nos CCS, fornecendo produtos florestais para o mercado interno e para exportações. A expansão da silvicultura tornou São José dos Ausentes o sétimo município com maior área plantada de pinus, totalizando 16.945 hectares (AGEFLOR, 2019), com a formação abrangendo 13.995 km² na região (INFO SANBAS, 2024). Médios e pequenos produtores usam o eucalipto para manutenção de cercas e proteção de animais; a expansão das atividades silvícolas contribui para a redução de áreas de pastagens naturais.

Nos anos 1980 e 1990, a fruticultura começou a se expandir nos CCS, com destaque para a produção de maçã e, mais recentemente, de batata. Conforme Sommer (2013), os arrendamentos de estabelecimentos agrícolas na região, especialmente em São José dos Ausentes, ocorreram principalmente em função do cultivo da batata a partir da década de 1990. A maioria dos produtores é arrendatária de pessoas de outros estados, que investem recursos para o plantio, cultivo e comercialização da batata. Inicialmente, plantava-se a batata inglesa como produto de subsistência, cultivada ao redor de lavouras de azevém.

O cultivo da batata ocorre em todo o Brasil, com maior destaque para a Região Sul. No município de São José dos Ausentes, a produção chega a 61,6 mil toneladas/ano (RIO GRANDE DO SUL, 2024). Historicamente, a batata percorreu continentes até chegar aos CCS. No Brasil, foi introduzida por imigrantes europeus no final do século XIX, especialmente no Sul, onde o clima era mais favorável. Segundo o Entrevistado 11, a produção inicial consistia basicamente em “batata semente”, a partir da década de 1980.

Conforme levantamento de produção de olerícolas de 2023, realizado pela EMATER/ASCAR em parceria com a SEAPDR, São José dos Ausentes é o maior produtor de couve-brócolis e o terceiro maior produtor de batata inglesa do estado. Esses dados subsidiam a formulação de políticas públicas voltadas às cadeias produtivas (EMATER/RS, 2023).

A fruticultura, especialmente a produção de maçãs, exige cuidados específicos devido às variações climáticas e à presença de pragas. A colheita, que ocorre entre fevereiro e julho, mobiliza grande quantidade de trabalhadores, demandando alimentação e alojamento adequados. As variedades cultivadas incluem Gala e seus clones, Fuji e seus clones, abrangendo 232,37 hectares de pomares (AGAPOMI, 2024). Em 2023, a fruticultura do município ocupava a 9ª posição no ranking estadual de produção de maçã.

As transformações nos CCS refletem estratégias para otimizar e modernizar a produção mediante alternativas sustentáveis e apoio de políticas públicas locais (SOMMER, 2013). Impulsionado pela Revolução Verde, o uso crescente de mecanização, fertilizantes químicos, sementes melhoradas e irrigação (WIVES, 2008) garante operações em larga escala, a exemplo dos 660 a 1.200 hectares de milho cultivados anualmente (EMATER/RS, 2024). Apesar da diversificação, que abrange o turismo e arrendamentos para plantio de batata e maçã, a pecuária mantém-se como principal atividade econômica. Com sua cadeia aprimorada pelo melhoramento genético de corte e exploração de mercados internacionais (SOMMER; SALDANHA, 2012; AMBROSINI; MIGUEL; FILIPPI, 2012), a bovinocultura destaca-se com um rebanho de 64.109 cabeças em 2023, sendo 2.300 destinadas ao leite (IBGE, 2017).

O rio Pelotas, que divide os estados do RS e SC, destaca a diferença na paisagem entre as duas margens. No lado de SC, há um predomínio de florestas, enquanto no lado do RS, observa-se uma modificação possivelmente relacionada à ocupação humana. A região onde nasce e corre o rio Pelotas apresenta diversos componentes geográficos, identificados como Planalto das Araucárias, CCS ou Campos de Altitude do Planalto das Araucárias (ROLIM et al., 2016). Isso permite observar a formação de campos e florestas junto à direção do rio Pelotas.



Figura 10 - Divisa entre o RS e SC e Rodovia BR-285 e RS-020
Fonte: Google Earth (2024).

Com as formações divididas entre campos e florestas no Planalto das Araucárias, a ação humana provocou mudanças significativas e muitas vezes irreversíveis na paisagem, claramente visíveis através de recursos tecnológicos e imagens aéreas de satélites, que revelam a expansão de diversas lavouras (como batata, soja, milho e maçã), áreas de silvicultura e pastagens sobre os campos naturais. Atualmente, o município possui 53.408 km² de formação campestre e 36.156 km² de formação florestal (INFO SANBAS, 2024). Nesse cenário, os dados atualizados anualmente pelo MapBiomias (2024) e o monitoramento contínuo avaliam a cobertura vegetal, fornecendo relatórios para evitar o agravamento de riscos ambientais e climáticos resultantes dessas atividades. Somado a essas alterações no uso do solo, destaca-se a infraestrutura da rodovia BR-285, que se tornou a principal alternativa para o escoamento da produção rumo a outros mercados e uma importante rota de acesso ao turismo e ao litoral catarinense.

Apesar disso, os produtores têm consciência da importância de preservar áreas nativas, banhados, nascentes de água e a fauna silvestre presente em suas propriedades. Nos campos de Bom Jesus e São José dos Ausentes, as principais culturas incluem a batata-inglesa, a couve-flor e os brócolis (este último se destaca no verão por ser a cultura que mais emprega mão de obra e por desempenhar papel relevante no desenvolvimento econômico local). Paralelamente, a pecuária permanece ativa e é frequentemente consorciada com essas lavouras, utilizando as pastagens durante os períodos de repouso da terra entre os plantios. Após o período de colheita, os animais são soltos para se alimentarem dos resíduos das lavouras, como as folhas de brócolis. Além disso, no processo de classificação das batatas, os descartes impróprios para o consumo

humano retornam ao campo após a lavagem ou são destinados à alimentação de bovinos criados em sistema de confinamento, servindo como complemento estratégico para a engorda.

A batata-inglesa consolida-se como cadeia produtiva relevante na região, com preparo mecanizado do solo com arados e grades, plantio com tratores e pulverização com barras. Na colheita, máquinas com lâminas e esteiras separam as batatas da terra; elas são acondicionadas em *bags* e enviadas a um dos quatro lavadores locais para escovagem e seleção. O preparo da terra para os brócolis também exige gradação, utilizando-se a encanteiradeira e máquinas de plantio para formar os canteiros. Sua colheita, contudo, é manual: as flores são cortadas individualmente, colocadas em *bins* (caixas de madeira) e transportadas até as beneficiadoras, onde são embaladas em filme plástico e resfriadas em câmaras frias para comercialização. Na fruticultura, a maçã segue um procedimento semelhante de beneficiamento, mas exige pulverizações mais frequentes, a cada dez dias. As frutas são colhidas em sacolas, esvaziadas em *bins* e transportadas para as áreas de classificação e armazenamento, passando por lavagem, secagem e seleção, em um processo que pode durar de dois a dez meses.

A formalização dos contratos de trabalho na fruticultura segue uma prática consolidada, garantindo direitos, deveres e garantias dos trabalhadores por meio de contratos formais, com registro em carteira de trabalho e previdência social. Em Bom Jesus, há apenas uma empresa embaladora de maçãs, enquanto outras estão localizadas em Vacaria e Farroupilha. Embora os sindicatos não tenham presença significativa na região, em Vacaria atuam conforme as demandas, auxiliando em questões importantes para as relações trabalhistas. As vistorias oficiais, realizadas pelo Ministério do Trabalho, verificam as condições de trabalho e aplicam autuações e multas em caso de irregularidades, tanto em áreas rurais quanto urbanas.

Diante dos resultados apresentados, o Quadro 1 demonstra a evolução cronológica dos cinco Sistemas Agrários evidenciados, demonstrando como o distrito de Faxinal Preto se transformou profundamente ao longo dos séculos. mostra que os instrumentos rudimentares voltados estritamente à caça e à subsistência (Sistema Indígena) deram lugar à tração animal e ao uso de ferramentas manuais para a abertura de roças e exploração madeireira (Sistemas Sesmeiro/Tropeiro e Colonial). O modo de acesso à terra e as relações de trabalho se complexificaram, evoluindo do uso livre e coletivo para a concentração fundiária em estâncias, exploração de mão de obra escrava e agricultura familiar de imigrantes. Os sucessivos impactos ambientais com o esgotamento das florestas nativas de araucária foram vetores de crise e transição. Esse histórico desembocou no Sistema Contemporâneo Atual, que reconfigurou a paisagem local por meio da mecanização agrícola intensiva, do arrendamento de terras, da

introdução de florestas comerciais exóticas e da consolidação do trabalho formal em cadeias produtivas de batata, brócolis e maçã.

Aspectos Sistemas Agrários	Sistema agrário Indígena	Sistema Sesmeiro/Tropeiro	Sistema Colonial I	Sistema Contemporâneo I	Sistema Contemporâneo Atual
Período	até 1.700 aproximadamente	1760-1860)	1860-1905	1905 – 1960/70	1960/70 ao Contemporâneo
Principais atividades	Caça, coleta,	agricultura roças, pecuária	agricultura roças, pecuária,	agricultura, pecuária, extração vegetal	agricultura, bovinoculturaextração vegetal
Excedentes agrícolas		Criação e comércio de gado	Corte da mata de araucária	Criação de gado,	Produção de batata, brócolis, pecuária leiteira
Tecnologias	Raspadores, lanças, instrumentos rudimentares	Tração animal, enxadas, foices, machado	Tração animal, enxadas, foices, machados	Tração mecânica,	Mecanização agrícola (maquinas e implementos)
Modo de acesso à terra	Livre	Posse, herança	Posse, compra, herança	Posse, herança, Compra, arrendamentos	Posse, herança, Compra, arrendamentos
Tamanho da propriedade		Grandes propriedades	Grandes, medias propriedades	Pequenas, medias, grandes propriedades	Pequenas, medias, grandes propriedades
Força e relações de trabalho	coletivo	Livre, escrava	colonização, familiar, trabalho remunerado	Familiar, Trabalho remunerado	Mao de obra especializada, fixa e temporária
Fatores de crise e transição	Colonização	Posse de terras, colonização	Crise nas minas gerais	Corte e derrubada da mata	-
Categorias sociais	Colonizador- indígenas	Sesmeiros, fazendeiros, tropeiros, indígenas, peões,	Fazendeiros, tropeiros, peões, profissionais diversos	Fazendeiros, peões, madeiros, trabalhadores	Fazendeiros, produtores rurais empresários, trabalhadores formais, informais
Impacto ambiental	Matas, campos	Matas, campos	Corte de matas, campos, roças	Corte de matas, campos, florestas de madeiras exóticas	Lavouras, campos, florestas de madeiras exóticas

Quadro 1 – Evolução dos Sistemas Agrários

Fonte: elaboração dos autores.

As informações do Quadro 1 evidenciam que a trajetória de Faxinal Preto é marcada por contínuas adaptações. A transição entre os sistemas demonstra como a adoção de novas tecnologias e as sucessivas demandas de mercado reconfiguraram, de forma indissociável, a paisagem natural e as relações socioeconômicas locais.

5. Considerações finais

Ao reportar a evolução da agricultura nos CCS, utilizamos a abordagem sistêmica para compreender a complexidade das transformações históricas, geográficas e sociais da região. Com isso, evidenciou-se que a relação com a natureza iniciou com o Sistema Agrário Indígena, no qual sociedades de caçadores-coletores utilizavam ferramentas rudimentares para garantir a manutenção do grupo e a extração de alimentos das matas. Com a colonização, essa dinâmica foi sobreposta pelo Sistema Sesmeiro/Tropeiro, caracterizado pela distribuição de sesmarias,

criação de rebanhos soltos e o estabelecimento de rotas comerciais de curta, média e longa distância, o que impulsionou o comércio e o surgimento das comunidades e cidades locais.

A sucessão desses ciclos levou ao Sistema Agrário Colonial, marcado pela chegada de imigrantes que intensificaram o uso das roças de subsistência e iniciaram a exploração da madeira. Em Faxinal Preto, era comum os moradores trabalharem nas lavouras utilizando animais para o transporte da produção. Posteriormente, o Sistema Agrário Contemporâneo provocou alterações na paisagem local com o auge e o subsequente declínio das serrarias e da exploração intensiva das florestas nativas de araucária. Esse esgotamento ecológico forçou a transição para o Sistema Agrário Contemporâneo Atual, que reconfigurou o território por meio da forte mecanização, da silvicultura de espécies exóticas e da consolidação de cadeias produtivas comerciais altamente estruturadas (como batata, maçã e brócolis), frequentemente consorciadas à pecuária moderna. Entendemos, portanto, que a trajetória do distrito de Faxinal Preto e dos CCS reflete um processo contínuo de adaptações, no qual cada sistema agrário modificou a paisagem e as relações socioeconômicas de forma expressiva e indissociável.

Referências

- AGAPOMI. **Informações e dados estatísticos**. Vacaria, 29 fev. 2024. Disponível em: <https://agapomi.com.br/wp-content/uploads/2024/03/Area-Municipio.pdf>. Acesso em: 31 out. 2024.
- AGEFLOR. **História do setor de árvores cultivadas no RS**. Porto Alegre, 2024. Disponível em: <https://ageflor.com.br/dados-e-fatos/historia-do-setor-no-rs/>. Acesso em: 1 nov. 2024.
- AGEFLOR. **O setor de base florestal no Rio Grande do Sul 2020: ano base 2019**. Porto Alegre, 2019. Disponível em: <https://ageflor.com.br/wp-content/uploads/2024/05/O-Setor-de-Base-Florestal-no-Rio-Grande-do-Sul-2020-ano-base-2019.pdf>. Acesso em: 15 set. 2024.
- AMBROSINI, L.; MIGUEL, L.; FILIPPI, E. Evolução e diferenciação dos sistemas agrários nos Campos de Cima da Serra: origem dos pecuaristas familiares produtores do Queijo Serrano. **Desenvolvimento e Meio Ambiente**, Curitiba, v. 26, p. 171-187, jul./dez. 2012.
- ANDREATTA, T.; BEROLDT, L.; WANDSCHEER, E. A. R.; MIGUEL, L. A. Origens da formação agrária sul rio-grandense no contexto brasileiro. In: Congresso da Sociedade Brasileira de Economia e Sociologia Rural, 47., 2009, Porto Alegre. **Anais [...]**. Porto Alegre: SOBER, 2009.
- APREMAVI. **Sua majestade, a Araucária**. Atalanta, 2024. Disponível em: <https://apremavi.org.br/sua-majestade-a-araucaria/>. Acesso em: 7 dez. 2024.
- BERTALANFFY, L. **Teoria dos sistemas: fundamentos, desenvolvimento e aplicações**. Petrópolis: Vozes, 2010.
- CANCIAN, P. R. M. **Araucária: raízes da industrialização**. Caxias do Sul: Educs, 2016.
- CASTROGIOVANNI, A.; TEIXEIRA, C.; KUNZ, J.; BARROS, L. (org.). **Paisagem: importância na leitura das espacialidades: fazendo e acontecendo no ensinar e aprender Geografia**. Goiânia: C&A Alfa Comunica., 2023.
- CHANG, M. Y. **Sistema Faxinal: uma forma de organização camponesa em desagregação no centro-sul do Paraná**. Londrina: IAPAR, 1988. (Boletim Técnico IAPAR, n. 22).
- DAL SOGLIO, F.; KUBO, R. (org.). **Desenvolvimento, agricultura e sustentabilidade**. Poa: UFRGS, 2016.

DI SOPRA, F. E. B. **Territorializações indígenas no Rio Grande do Sul**. 2022. Dissertação (Mestrado em Dinâmicas Regionais e Desenvolvimento) - Programa de Pós-Graduação em Dinâmicas Regionais e Desenvolvimento, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Tramandaí, 2022.

EMATER/RS. **Informações agropecuárias**: acompanhamento de safras. Porto Alegre, 2024.

EMATER/RS. **Séries históricas**: milho. Porto Alegre, 2023.

FONTOURA, L. F.; VERDUM, R. **Questão agrária e legislação ambiental**. Porto Alegre: UFRGS, 2010.

GERHARDT, T. E.; SILVEIRA, D. T. **Métodos de pesquisa**: planejamento e gestão para o Desenvolvimento Rural da SEAD/UFRGS. Porto Alegre: UFRGS, 2009.

GOLDENBERG, M. **A arte de pesquisar**. Rio de Janeiro: Record, 1997.

GRET, D. **De recherche développement appliquées au secteur de la production rurale des pays en voie de développement**. Paris; Marseille: GRET, BLACT; CFECTI; SGAR-PACA, 1984.

GRIPP, P. D. A estratégia enunciativa dos lugares de fala: reconhecimento praxiológico do objeto de conhecimento comunicacional. In: Encontro Anual da Compós, 34, 2025, Curitiba. **Anais [...]**, Compós, 2025.

IBGE. **São José dos Ausentes**. Rio de Janeiro, 2024. Disponível em:
<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rs/sao-jose-dos-ausentes/historico>. Acesso em: 23 ago. 2024.

IBGE. **Rebanho de Bovinos (Bois e Vacas), Rio Grande do Sul**. Rio de Janeiro, 2017. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/explica/producao-agropecuaria/bovinos/rs>. Acesso em: 28 out. 2024.

IBGE. **Situação demográfica em 1940**. Rio de Janeiro, 1940. Disponível em:
https://seculoxx.ibge.gov.br/images/seculoxx/arquivos_download/populacao/1947/populacao1947aeb_17_a_36.pdf. Acesso em: 29 out. 2024.

INFO SANBAS. **São José dos Ausentes – RS**. Belo Horizonte, 2024. Disponível em:
[https://infosanbas.org.br/municipio/sao-jose-dos-ausentes-rs/#uso da terra](https://infosanbas.org.br/municipio/sao-jose-dos-ausentes-rs/#uso%20da%20terra). Acesso em: 30 ago. 2024.

INSTITUTO ANCHIETANO DE PESQUISAS. **Casas subterrâneas no Sul do Brasil**. São Leopoldo: Unisinos, 2002.

JASKULSKI, A. L. **Tropeiros e estâncias**. História do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2024.

KOEHLER, A. L. **Processo de formação do sítio RS-AN-03, Bom Jesus (RS)**. 2024.

LEÃO, R. **A floresta e o homem**. São Paulo: USP, Instituto de Pesquisas e Estudos Florestais, 2000.

MAPBIOMAS. **São José dos Ausentes - RS**. 2024. Disponível em:
<https://plataforma.brasil.mapbiomas.org/>. Acesso em: 16 set. 2024.

MAESTRI, M. **Breve história do Rio Grande do Sul da pré-história aos dias atuais**. Porto Alegre: FCM, 2021.

MARCONI, M.; LAKATOS, E. **Fundamentos de metodologia científica**. São Paulo: Atlas, 2010.

MAZOYER, M.; ROUDART, L. **História das agriculturas no mundo**: do neolítico à crise contemporânea. São Paulo: Editora UNESP; Brasília, DF: NEAD, 2010.

MEMÓRIA DO TRANSPORTE. **Tropas e tropeiros**. 2024. Disponível em:
<https://memoriadotransporte.org.br/galeria/caminho-das-tropas/>. Acesso em: 19 nov. 2024.

MIGUEL, L. A. **Dinâmica e diferenciação de sistemas agrários**. Porto Alegre: UFRGS, 2018.

MINAYO, M. **O desafio do conhecimento**: pesquisa qualitativa em saúde. São Paulo: Hucitec, 2000.

MINUZZO, M. M. **Notas para uma história ameríndia nos Campos da Vacaria e de Cima da Serra, Rio Grande de São Pedro (1727-1851)**. 2010. Trabalho de conclusão de curso (Graduação em História) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, UFRGS, Porto Alegre, 2010.

- MORIN, E. **O método I: a natureza da natureza**. Portugal: Publicações Europa-América, 1977.
- MUYLAERT, C. J.; SARUBBI JR., V.; GALLO, P. R.; ROLIM NETO, M. L.; REIS, A. O. A. Entrevistas narrativas: um importante recurso em pesquisa qualitativa. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, São Paulo, v. 48, n. esp. 2, p. 193-199, 2014.
- NICOLADELLI, T. B.; SILVA, J. G. S.; MENEGASSO, J. D.; CAMPOS, J. B.; [...]; ZOCHE, J. J. Muros de taipas de pedra no Parque Nacional de São Joaquim no município de Orleans/SC: uma paisagem cultural ameaçada? **Cadernos do CEOM**, Chapecó, v. 36, n. 59, p. 254-269, out. 2023.
- NOZOE, N. H. Sesmarias e apossamento de terras no Brasil Colônia. **Economia: revista da ANPEC**, Niterói, v. 7, n. 3, p. 587-605, 2006.
- OLIVEIRA, S. F. **Aurorescer das sesmarias serranas: história e genealogia**. POA: EST, 1996.
- OLIVEIRA, J. G. **Escravidão e resistência africana e afro-brasileira na Capitania do Maranhão 1720-1822**. 2021. Trabalho de conclusão de curso (Licenciatura em História) - Centro de Ciências Humanas, Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2021.
- OLIVEIRA, S. L. G. O enfoque sistêmico e o desenvolvimento rural sustentável. **Agroecologia e Desenvolvimento Rural e Sustentável**, Porto Alegre, v. 1, n. 2, abr/jun. 2000.
- PELUSO, M. L. O desafio de compreender a natureza na obra de Milton Santos. **Tempo - Técnica - Território**, Brasília, DF, v. 4, n.1, p. 22-31, 2013.
- PESAVENTO, S. J. **História do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Martins Livreiro, 2014.
- PUSSININI, N. Contribuições e consequências do tropeirismo para o desenvolvimento físico-territorial de Guarapuava e região 2. **Rev. GEOMAE**, Campo Mourão, v. 7, n. 1, p. 49-63, 2016.
- RIBEIRO, C. **A paisagem e a ruralidade nos distritos de Vila Seca e Criúva**: Caxias do Sul, RS, Brasil. 2014. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Rural) – PGDR, UFRGS, POA, 2014.
- ROLIM, R. G.; KÖHLER, M.; REIS, C. R. M.; BRACK, P. **Flora da Bacia do Rio Pelotas: uso e conservação de espécies**. Porto Alegre: UFRGS, 2016.
- RIO GRANDE DO SUL. Secretaria de Planejamento, Governança e Gestão. Batata doce e batata inglesa. **Atlas Econômico do Rio Grande do Sul**, Porto Alegre, 2024. Disponível em: <https://atlassocioeconomico.rs.gov.br/batata-doce-e-batata-inglesa>. Acesso em: 31 out. 2024.
- SILVA, A. H.; FOSSÁ, M. I. T. Análise de conteúdo: exemplo de aplicação da técnica para análise de dados qualitativos. **Qualitas Revista Eletrônica**, [s.l.], v. 16, n. 1, p. 1-15, 2015.
- SILVA, A. B.; GODOI, C. K.; BANDEIRA-DE-MELLO, R. **Pesquisa qualitativa em estudos organizacionais: paradigmas, estratégias e métodos**. São Paulo: Saraiva, 2006.
- SOMMER, J. A. P. **As mudanças na paisagem nos Campos de Cima da Serra, RS: estratégias de diversificação econômica em São José dos Ausentes**. 2013. Tese (Doutorado em Geografia) - Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, POA, 2013.
- SOUZA, A.; LINIO, J.; ARAÚJO, F. A Fronteira Sul e as andanças do Cacique Doble entre Rio Grande do Sul e Santa Catarina (1852-1864). **Memória Americana: Cuadernos de Etnohistoria**, Buenos Aires, v. 29, n. 2, 2021.
- VACARIA: uma história de muitas transformações. **Correio Vacariense**, Vacaria, 15 dez. 2020.
- WALLISER, B. **Systèmes et modèles: introduction critique à l'analyse de systèmes**. Paris: Seuil, 1977.
- WIVES, D. G. **Funcionamento e performance dos sistemas de produção da banana na Microrregião do Litoral Norte do Rio Grande do Sul**. 2008. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Rural) – PGDR, UFRGS, Porto Alegre, 2008.